



por Prof. Vítor Murtinho e Arquiteta Joana Maia
Universidade de Coimbra

(re)construir o construído: a Praça Nova do Castelo de S. Jorge em Lisboa

De acordo com descrições antigas, segundo parece, Lisboa foi fundada de modo conveniente, tal como Roma, em torno de *sete colinas*¹ e que de algum modo se foram estabelecendo como apetecível epíteto para esta cidade. Segundo Frei Nicolau de Oliveira, a capital do reino assentava sobre sete montes (Castelo, São Vicente, São Roque, Santo André, Santa Catarina, Chagas e Sant'Ana), sendo a colina do Castelo a mais preponderante e imponente, sobretudo quando vista a partir do estuário do rio Tejo. Na realidade, a colina mais alta é a da Graça, que foi esquecida por Frei Nicolau e que seria a oitava colina de Olisipo, talvez por esta ficar encoberta pela elevação do Castelo quando se chega a partir do Oceano Atlântico.

Devido à sua posição estratégica e de amplitude visual, o monte do Castelo é aquele que apresenta maiores vestígios históricos cuja origem se perde quase nos primórdios da presença humana na península, muito anterior à cristandade, tendo sido desde ópido romano, mediana islâmica e importante fortaleza no processo de reconquista. A toponímica dedicada a Jorge é historicamente bastante antiga, correspondendo ao nome de um soldado romano mandado executar pelo Imperador Diocleciano após a assunção da sua conversão ao cristianismo, e que haveria de ser posteriormente reabilitado pelo Imperador Constantino, tornando-se numa figura tutelar e de forte devoção tanto no oriente como, mais tarde, no ocidente. Se é admitido que foi através dos Cruzados ingleses, em processo de ajuda a Dom Afonso Henriques, que o já considerado santo se terá notabilizado por terras lusas, só posteriormente o Castelo de Lisboa veria o seu nome associado a São Jorge, por devoção ao santo padroeiro dos cavaleiros. Um dos episódios históricos mais marcantes deste sítio é, sem dúvida, o assalto de 1147, conduzido pelo Rei Dom Afonso Henriques, quando, em processo de conquista do castelo aos mouros (então ainda Castelo dos Mouros) o nobre mártir Martim Moniz se sacrificou, ficando entalado numa das portas, possibilitando assim o assalto bem-sucedido à quase inexpugnável fortaleza.

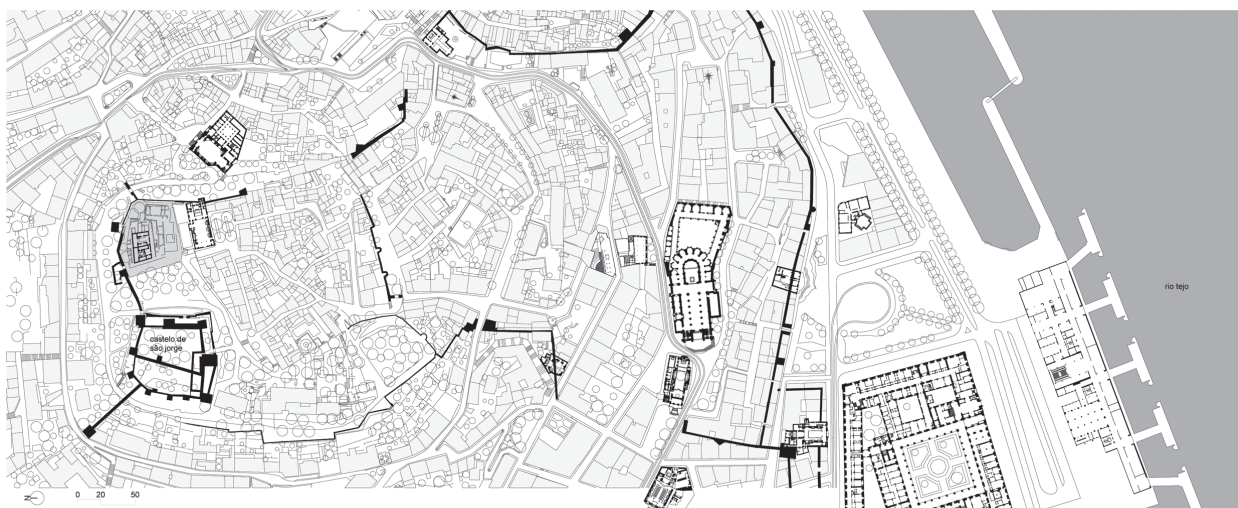
Esta acrópole, com localização e vistas privilegiadas, apresenta uma história dilatada feita de auge residencial e defensivo, bem como de algumas prostrações. A mais conhecida, o hastear da bandeira napoleónica por Jean-Andoche Junot, em 13 de dezembro de 1807, aquando das primeiras invasões francesas, seria mais um ponto de convergência no processo da sua gradual obsolescência.² Perante tal carga histórica, não admira então que, mesmo na fase final do período monárquico, concretamente a 16 de junho de 1910, o castelo veria ser decretado a sua classificação a monumento nacional.³ Isto apesar de, somente em pleno Estado Novo⁴, se ver a sua reabilitação abrangente e sustentada, procedendo-se à abertura de uma nova página da sua história: em ação concertada e promovida pelo Estado, procedeu-se à demolição generalizada de construções espúrias, fazendo-se ressuscitar o caráter medieval da fortaleza, entretanto perdido e adulterado

¹ Provavelmente, a mais antiga referência toponímica de Lisboa aparece no Livro das Grandezas de Lisboa, em 1620, de Frei Nicolau de Oliveira (p. 60): "*Occupa agora pois esta Cidade em comprimento de Belém té São Bento de Enxobregas, que são quasi duas legoas, continuandose sempre casas & quintas, ficando o meo della, e o a que propriamente chamamos Cidade, situada sobre sete montes muy altos, e de muita distancia entre huns, & outros, e os ocupa a todos, não só nos altos deles, mas em todas suas fraldas, & raizes, & valles, como se deixa claramente ver de quem vem do mar, que de terra não há lugar donde se possa ver mais, que quando muito a terceira parte della.*"

² Ver Castelo de S. Jorge, Boletim da DGEMN, nº 25-26, Porto, 1941, pp. 13 a 29.

³ Apesar da decisão ser de 16 de junho de 1910, esta só foi publicada no Diário do Governo nº 136 de 23 de junho do mesmo ano. A classificação do Castelo de S. Jorge aparece numa extensa lista onde constam os principais monumentos nacionais (e que incluem outros já anteriormente classificados), correspondendo designadamente a Monumentos Pré-históricos, Monumentos Lusitanos e Lusitano-romanos, Monumentos Medievais, do Renascimento e Modernos (nos quais se incluem diversos castelos).

⁴ Entre 1938 e 1940, com vista à comemoração centenária da Nacionalidade e da Restauração da Independência, cujo corolário máximo seria a Exposição do Mundo Português de 1940 em Lisboa.



Planta de implantação da Praça Nova

com localização no contexto do Castelo de S. Jorge e sua relação com o Rio Tejo

por edificações militares e habitações diversas.⁵ Este grande estaleiro, que proporcionou um inolvidável volume de escavações seguidos de esforço metódico de reconstituição e de invenção, permitiu que o Castelo de S. Jorge voltasse a fazer parte do nosso imaginário épico, ao mesmo tempo que fornecia terreno amplo para a pesquisa e a arqueologia.

Paralelamente ao Projeto Integrado na alcáçova do Castelo de São Jorge (com expressão a partir de 1996), processo concertado entre a Direção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo e a Câmara Municipal de Lisboa, com vista a promover a investigação e valorização de uma área crucial histórica da cidade, assistiu-se a um processo de inclusão na história portuguesa de algumas formas de ocupação usualmente consideradas exteriores, e como tal, não integradas na nossa versão de decurso dos acontecimentos.⁶ Um desses exemplos tem a ver com a história referente a *Luxbuna* (designação árabe para Lisboa), já que até

muito recentemente a ocupação no período de ocupação muçulmana era vista como intrusiva e, portanto, não encarada como integrada nos factos notáveis e positivos ocorridos nas contingências das vivências e atos. Este modo de assunção da transversalidade dos diferentes momentos históricos, com igual valorização de cada um deles, é um processo de algum modo mais atual e que, de certa maneira, colide com a estratégia adotada pelo Estado Novo ao nível da reabilitação monumental: por sistema, era eleita uma determinada era e as intervenções iam muito no sentido de dar às edificações e aos espaços uma determinada orientação que culminava com um processo de quase assepsia, já que registos de outros tempos que não o eleito eram geralmente subtraídos ou adulterados.

Contrariando este *status quo*, está a ainda recente intervenção protagonizada por João Luís Carrilho da Graça (JLCG) na obra de Musealização da Área Arqueológica da Praça Nova do Castelo de S. Jorge,



Foto da zona de escavação na Praça Nova antes da intervenção do arquiteto JLCG



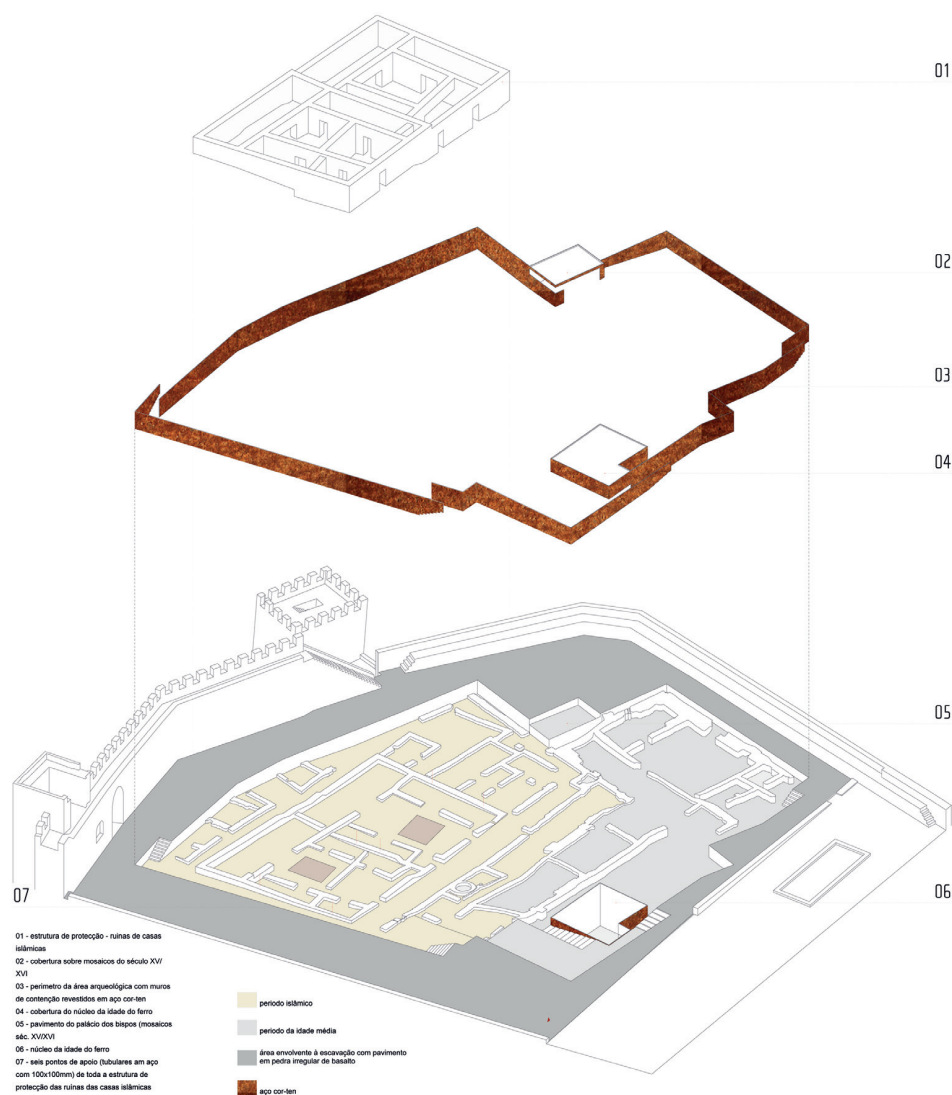
⁵ A primeira intervenção da DGEMN no Castelo de S. Jorge foi em 1929 limitando-se uma parte da muralha norte, e somente em 1938 se fariam obras de demolição, consolidação e restauração com alguma envergadura, sendo estas responsáveis pelo aspeto que atualmente a fortaleza e a área envolvente apresentam. A partir desta data e de modo sistematizado, até este novo século, foram sendo feitas obras de reabilitação, reparação, reforço estrutural e de impermeabilização, complementadas em paridade a ações de escavações arqueológicas. Sobre a temporização e sequência das obras do castelo, ver: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3128, consultado em 2 de janeiro de 2015.

⁶ Consultar Bugalhão, Jacinta, "Lisboa Islâmica: uma realidade em construção", XELB 9, 6º Encontro de Arqueologia do Algarve, pp. 379 a 393.

localizada em plena alcáçova da fortaleza. Tendo garantido a este arquiteto o prestigiado galardão *Piranesi Prix de Rome* em 2010, a intervenção no Castelo de São Jorge soma-se, assim, a uma extensa lista de distinções que a sua obra tem granjeado. De facto, no âmbito dos trabalhos de arqueologia desenvolvidos na alcáçova, onde a CML pretendia instalar, inicialmente, um parque de estacionamento subterrâneo, apareceu um conjunto bastante importante de diferentes ocupações, inviabilizando a implementação do propósito inicial. Apesar de serem várias as frentes de escavação, o interesse científico recaiu sobretudo na zona da Praça Nova, localizada a norte da Igreja de Santa Cruz e limitada a leste e norte pela muralha (onde existe a Porta do Moniz) e a oeste pelo Castelejo.⁷ Tal circunstância deveu-se ao facto de numa mesma área (a Praça Nova), terem sido encontrados diferentes registos a distintos níveis estratigráficos, pertencentes a períodos substancialmente díspares, tornando o local particularmente valioso. Assim, foram classificados vestígios de ocupação entre os séculos VIII a.C. e

III a.C., correspondendo a partes de habitação que remontam à Idade do Ferro, levando a crer que naquele estratégico planalto tenha existido um povoado fortificado de ocupação consolidada muito anterior à ocupação romana. Na mesma zona, apareceram igualmente vestígios de habitações islâmicas correspondendo à *alcáçova* datáveis entre a segunda metade do século XI e início do século XII, ou seja a parte do povoado muçulmano, já numa altura em que Lisboa era considerada uma importante cidade portuária. Após a conquista do castelo pelo primeiro monarca português, o lugar foi, num primeiro momento, Paço Real, vindo contudo,

⁷ As escavações, sob coordenação científica de Ana Gomes e Alexandra Gaspar, foram orientadas para quatro zonas principais: Pátio das Cozinhas; Caminho da Ronda; traseiras da Rua Espírito Santo e Praça Nova (ver Gaspar, Alexandra, e Gomes, Ana, "Resultados preliminares das escavações arqueológicas no Castelo de S. Jorge" in *Arqueologia Medieval*, nº 7, Porto/Mértola, 2001, pp. 95 a 102, sobretudo p. 95-96).



01 - estrutura de proteção - ruínas de casas islâmicas
 02 - cobertura sobre mosaicos do século XVI/ XVII
 03 - perímetro da área arqueológica com muros de contenção revestidos em aço cor-ten
 04 - cobertura do núcleo da Idade do Ferro
 05 - pavimento do palácio dos bispos (mosaicos séc. XVIII)
 06 - núcleo da Idade do Ferro
 07 - seis pontos de apoio (tubulares em aço com 100x100mm) de toda a estrutura de proteção das ruínas das casas islâmicas

período islâmico
 período da Idade Média
 área envolvente à escavação com pavimento em pedra irregular de basalto
 aço cor-ten



Axonometria explodida da intervenção na Praça Nova do Castelo de S. Jorge
 com definição das diferentes áreas e períodos históricos

paulatinamente, a perder importância. No caso concreto da Praça Nova, esta foi ocupada pelo *Palácio dos Bispos*, construída sobre os escombros das casas islâmicas e que, denunciando algum aparato edificativo nesta área nevrálgica, foi construção que se manteve em uso até ao terramoto de 1755, apresentando como características dominantes as atribuíveis ao século XV.

Perante tão importante património arqueológico encontrado sob o solo da Praça Nova, articulado a diferentes níveis de profundidade com fortes implicações de harmonização com as áreas envolventes e não escavadas, a necessidade de tratamento paisagístico, quer nos aspetos morfológicos, quer arquitetónicos tornou-se rapidamente um imperativo, dada a imperiosidade de partilha de tão invulgar espólio concentrado em área tão restrita. Assim, tomando por base as preexistências que em tudo conferem ao lugar o estatuto de palimpsesto, com algum nível de preservação informativa, houve a necessidade de proceder a uma profunda mediação entre a arqueologia e arquitetura, definindo-se limites e éticas de intervenção que possibilitassem, cumulativamente, o respeito pela memória do passado, permitindo a construção de novas memórias e dando lugar, através da intervenção contemporânea, a uma ainda maior qualificação do espaço (re)encontrado. Nesta senda, o trabalho desenvolvido pelo escritório de JLCG é absolutamente



↑
Fotografia da Maqueta do projeto desenvolvido por JLCG

peculiar no modo inteligente como se promove a integração dos artefactos, revalorizando as memórias do sítio, dando novo fôlego e interesse às ruínas entretanto descobertas. Como metodologia projetual e confirmado o valor intrínseco das preexistências, a estratégia passou pela "clarificação do carácter palindrômico que as estruturas expostas sugerem na sua distribuição espacial."⁸ Para esse efeito, a supressão das diversas camadas de terra permitiu pôr a descoberto importantes



www.hiemesa.com



Distribuidor de todo o tipo de produtos siderúrgicos Ferragens e Acessórios Industriais

AVINTES
Av. Vasco da Gama, 7660 · apartado 3132
4431-801 AVINTES
Tel 227 861 000 · Fax 227 861 009
comercial.avintes@anteroeca.com

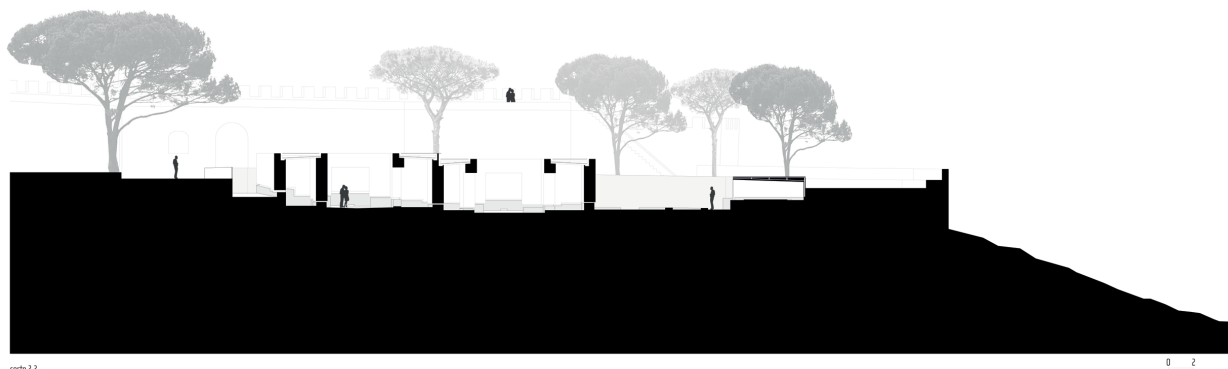
VILA DO CONDE
Urb. da Varziela - rua 8 · Beches-Fajozes
4485-631 MINDELO
Tel 252 690 370 · Fax 252 690 379
comercial.vconde@anteroeca.com

MEALHADA
Zona Industrial do Canedo · lote 24
3050-481 PAMPILHOSA
Tel 231 947 660 · Fax 231 947 669
comercial.mealhada@anteroeca.com

CALDAS DA RAINHA
Travessa Pedro Nunes, nº4
Zona Industrial Pinhal da Câmara
2500-218 CALDAS DA RAINHA
Tel 262 839 100 · Fax 262 839 109
comercial.caldas@anteroeca.com

www.anteroeca.com

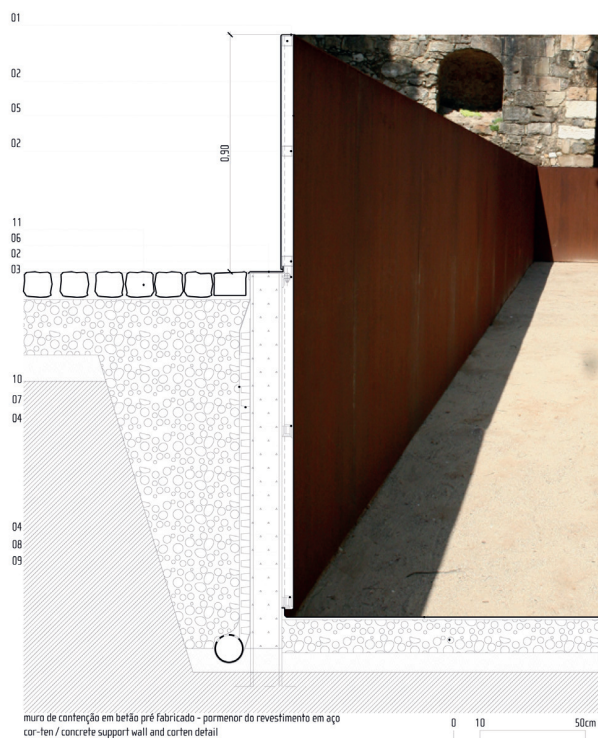
JOÃO LUÍS CARRILHO DA GRAÇA
musealização da área arqueológica da praça nova do castelo de s. jorge . lisboa . 2008-2010



corte 2

↑
Corte abrangendo a intervenção na Praça Nova do Castelo de S. Jorge e espaços adjacentes

↓
Fotomontagem com pormenor do muro de sustentação em aço *corten*, pavimentos e sistema de drenagem



muro de contenção em betão pré fabricado - pormenor do revestimento em aço *corten* / concrete support wall and corten detail

infraestruturas arqueológicas e, assim, possibilitar um maior e mais preciso conhecimento sobre a evolução daquele estratégico promontório. Definido o sítio pela natureza da área escavada, o primeiro ato projetual consistiu na rigorosa definição do contorno da área objeto de escavação arqueológica. Neste sentido, JLCG optou pela implementação de uma superfície geometrizada e definida por tramos retos adaptados à configuração orgânica da área de transição, constituída por membrana de aço *corten* cuja textura lisa e cor avermelhada permitiu, inexoravelmente, uma separação distinta – material e cromaticamente – entre zona afetada pelos trabalhos e zonas mantida incólume. Esta abordagem exprime um misto de racionalidade e sensibilidade que caracteriza a obra de JLCG. O modo como este ataca cada projeto permite descortinar níveis de intencionalidade, momentos de síntese e de emoção, que lentamente infligem carácter unitário aos locais por si intervencionados. Isto, como se todos os novos elementos formais, mesmo que contrastantes, se fundissem com as preexistências, inventando novas ordens, mas dando surpreendentemente medidas e referências que ajudam a consolidar as paisagens, paradoxalmente parecendo completar o que conceptualmente estava em falta. As suas obras tanto definem rigorosos limites como incutem espaços de fluidez. Toda a sua arquitetura é orientada para vínculos entre construção e território, entre paisagem artificial e paisagem natural.⁹ Em JLCG, o desenho para a sua arquitetura não é retirado da natureza do espaço existente, é algo que assumidamente é incorporado no seu processo conceptual, mas que na sua materialização a vertente construtiva é lapidarmente uma componente essencial no garante da forma. Nesse sentido, o desenho é utilizado, sistematicamente como um meio viável de exploração do espaço, correspondendo sempre a uma visão antecipada de um resultado que, sendo materialmente bastante sintético, tanto contrasta com a envolvente como cirurgicamente a complementa. Ainda na Praça Nova, dado o facto de o espaço interior à membrana de contenção perimetral ficar em cota inferior a toda a área circundante, esta coroa funciona como uma espécie de *belvedere*, permitindo uma fácil leitura

8 Diniz, Victor Beiramar, "Do Projecto", in *Musealização da Área Arqueológica da Praça Nova do Castelo de S. Jorge*, Uzina Books, Lisboa, 2012, p. 4.

9 Ver Cortez, Juan Antonio, "Traçar conexiones, construir pautas. Territorio y paisaje en la arquitectura de João Luís Carrilho da Graça", *El Croquis 170*, Madrid, 2014, p. 20.

franca de toda a infraestrutura arqueológica. A ladear a membrana pelo exterior, uma calçada em cubo de basalto faz a mediação, permitindo o deambular dos visitantes entre a massa envolvente e o espaço arqueológico intervencionado. Na membrana em aço *corten* são cirurgicamente definidos quatro pontos de penetração, correspondendo a lanços de escada, permitindo, em termos de circuito de visita a orientação: para os vestígios islâmicos – dois lanços em posição oposta e de saída disciplinada, estrategicamente colocados naquele contido território –; ou ao percurso de visita à zona do Palácio dos Bispos com perceção da zona da Idade do Ferro – correspondendo a resquícios de um compartimento de cozinha –, que por questões de preservação se encontra coberta e, portanto, protegida. Para abrigar os vestígios de parte de um pavimento no Palácio dos Bispos, foi criada uma estrutura igualmente em aço *corten* em consola, cujo teto espelhado permite uma melhor visualização que de outro modo não seria possível ter de modo tão clarificador.

Para uma melhor orientação dos visitantes, são introduzidos ao longo dos percursos vários elementos cuja aparência distinta tanto presta informação como faz ligação entre diferentes cotas, induzindo igualmente lugar de pausa e descanso. Estes elementos, de grande contraste matérico relativamente aos já existentes, pontuam trajetos sugeridos ao mesmo tempo que se assumem como matéria preciosa num espaço cujo valor é já na base bastante sumptuoso. Aqui, ensaia-se e estimula-se um olhar comprometido e culto das pedras, atitude que, em primeira instância, coube aos arqueólogos mas que as vicissitudes impostas pelo arquiteto souberam



Estrutura do edifício reconstitutivo das casas islâmicas e de proteção dos vestígios aí encontrados.

Imagem de obra do arquivo João Luís Carrilho da Graça / JLCG arquitetos



transformar em lugar de partilha e empatia. Sob a base das ruínas, nos espaços circuláveis, um lençol em saibro assegura o deambular orientado dos turistas, garantindo a necessária permeabilização do solo.

No caso dos vestígios da parte islâmica, algumas reminiscências encontradas após o meticoloso trabalho de escavação não foram satisfatórias para definir com rigor a reconstrução das casas. Contudo, foram suficientes para a equipa poder abalançar-se na credível definição espacial da aura que estas edificações poderão ter aparentado em tempo idos. Da leitura das evidências



Foto geral da Praça Nova do Castelo de S. Jorge



Vestígios arqueológicos do Palácio dos Bispos



Corpo para proteção do núcleo arqueológico da Idade do Ferro



Corpo para proteção de pavimento do Palácio dos Bispos (séc. XV/XVI)





↑
Vista de Pátio de Casas Islâmicas

colocadas à vista pelas referências auscultadas a partir da análise científica in loco, foi possível, com diligência, desenvolver uma proposta volumétrica para duas das casas islâmicas escavadas. Sabendo que um dos mais preciosos preceitos para quem quer intervir no património é o da reversibilidade, JLCG procede ao estudo de um corpo edificado que conceptualmente reunisse o mínimo de pontos de contacto com a ruína preexistente (seis no total, localizados em sítios sem prejuízo dos vestígios arqueológicos). Assim, o arquiteto desenha uma caixa com um divisionamento interior que respeita o modelo funcional destas casas islâmicas, cumprindo o duplo propósito de proteção das ruínas (designadamente pinturas de paredes e pavimentos em argamassa), bem como de revivescência da atmosfera das residências através da recriação assética da sua hipótese de volumetria exterior e de divisionamento interior. Para esse contexto tectónico, foi desenhado de modo abstrato e com cor branca um emaranhado de muros em aglomerado que intencionalmente recriam as duas casas, deixando ao centro um espaço aberto que corresponde, em cada uma delas, a um pátio existente, favorecendo a iluminação e ventilação dos espaços interiores. Complementarmente, e em termos de iluminação, os tetos forrados a placas de policarbonato e encimados por estreito ripado de

↓
Vista exterior a partir do interior de uma das Casas Islâmicas



↑
Vista geral com Casas Islâmicas em primeiro plano

madeira asseguram a necessária sobriedade lumínica. No entanto, esta formalização só foi possível devido à utilização sistematizada de uma estrutura em aço que, favorecendo o carácter de suspensão da construção, pela sua natureza é o melhor garante para efeitos de reversibilidade do edificado, permitindo que a qualquer momento, se necessário, se reconstitua os vestígios, sem qualquer danificação física. Todo o aparato criado é importante para a necessária proteção das pinturas em parede que apareceram durante o processo de escavação e que, por essa realidade, proporcionaram enorme importância ao achado arqueológico. Este corpo, intencionalmente abstrato e cenográfico, reconstitui conceptualmente uma ideia de domesticidade, intensificando uma imagem de flutuabilidade fornecida pelo destaque intencional entre materialidade pétrea existente e a imposta lisa superfície branca.¹⁰

JLCG é, no panorama da arquitetura nacional, uma figura incontornável dada a originalidade da sua produção arquitetónica, à qual acresce um processo raro de análise dos factos urbanos como elementos indicadores e estruturantes dos seus projetos: defende que existem sempre, na base das topografias, algumas matrizes que se mantêm de modo permanente e que, enquanto tal, são facilmente reconhecíveis. Neste aspeto, é perceptível uma influência de alguns teóricos da arquitetura, como por exemplo os italianos Vittorio Gregotti ou Aldo Rossi.¹¹ Em paridade, e em termos de linguagem ou de metodologias, nalguns momentos ou aspetos pode sentir-se alguma contaminação por parte de nomes como os de Mies van der Rohe, Álvaro Siza Vieira, Peter Zumthor, Rafael Moneo ou Henri Ciriani. Mas se na essência esse pressuposto é válido, no resultado final a obra de JLCG é simplesmente igual a si mesma. A sua metodologia, a sua originalidade, a definição de um processo de pesquisa próprio baseado

¹⁰ Ver "Museización del Yacimiento Arqueológico de Praça Nova en el Castillo de San Jorge", *El Croquis* 170, Madrid, 2014, p. 205.

¹¹ Ver Gregotti, Vittorio, *Território da Arquitetura*, Editora Perspectiva, São Paulo, 1995 (edição original italiana de 1972); e ainda Rossi, Aldo, *A Arquitectura da Cidade*, Edições Cosmos, Lisboa, 1977 (edição original italiana de 1966). Para melhor conhecer o valor do território para JLCG consultar Carrilho da Graça, João Luis, "Metamorfose" in *Jornal Arquitectos*, nº 206, 2002, pp. 8-11.

na geometria, embora não sujeito a regras, feito de cálculo e de avaliação de tensões, consegue neste panorama muito concorrido da arquitetura apresentar-se num digno lugar de vulto. Com artificialidade e artifício, “a obra de Carrilho da Graça abeira-se desta perigosa vibração dos limites entre fascínio e sedução, pondo em cena valores reconhecíveis como resíduos do moderno de arquiteturas e urbanidades.”¹²

Na intervenção de JLCG para o Castelo de S. Jorge, tal como se verifica amplamente na restante obra deste autor, existe o concretizar de uma atitude consciente de conferir ao conjunto (construído e preexistente) uma imponência poética fundada num profundo e perturbante conhecimento da técnica. De modo recorrente, é demonstrado o domínio dos diferentes sistemas construtivos num apurado conhecimento prático, assim como uma elevada utilização da ciência aplicada no campo industrial possibilitando o desenvolvimento de soluções credíveis, úteis, fiáveis e suscetíveis de causar encanto ou emoção estética. Uma das suas imagens de marca é um domínio pleno da geometria das formas, sem ficar amarrado ao grilhão das proporções.¹³ Mesmo sendo sensível aos preceitos de proporcionalidade dos corpos, aquilo que mais o fascina e atrai é uma particular preocupação com a fluidez da matéria, com o garante do efeito de levitação das construções. A seleção apurada dos materiais, direcionados mais para efeitos matéricos

e sensitivos, paradoxalmente aproxima-se a impetuosos efeitos de imaterialidade, de suspensão, de serenidade e sobretudo de *silêncio*.¹⁴

A intervenção na Praça Nova é um excelente corolário da obra de JLCG. Os artefactos urbanos aqui construídos demonstram que a abstração das formas, dos corpos, retira a arquitetura do mundo dos produtos de massa e inscreve-os no nosso imaginário platónico, sentindo que é pela emoção e pela estética que esta arte nos liberta do quotidiano e nos permite ter o pleno gozo de espírito. Por esta exclusiva razão o trabalho de JLCG, objeto de pesquisa e afinação permanente, define um percurso sustentado de procura de uma ontologia da construção, sabendo que esta deve levar os corpos ao minimalismo formal, desaparecendo o material e ficando-nos o efeito e as perceções. É este o mundo que contagia as ideias em JLCG, é este – para nós – o seu grande legado. ■

¹² Byrne, Gonçalo, “Estranha Leveza, in *Carrilho da Graça*, Editorial Blau, Lisboa, 1995, p. 13.

¹³ Ver Dias, Manuel Graça, “A Intuição e a Leitura” in *João Luís Carrilho da Graça, Candidaturas aos Prémios UIA 2005 / Prémio Auguste Perret*, Ordem dos Arquitectos, Lisboa, 2005, 9-11; cf. também Beaudouin, Laurent, “La pensée suspendue” in *Le Visiteur*, 17, Paris, 2011, pp. 26-29.

¹⁴ Ver Albiero, Roberta, “Misteriosa presença” in *Opere e Progetti di João Luís Carrilho da Graça*, Electa, Milão, 2003, p. 8.

PUB.

The advertisement for EME SINGULAR, LDA. is a collage of architectural images and logos. At the top center is the company logo, which consists of a stylized 'E' shape formed by two overlapping geometric shapes, one brown and one blue. Below the logo, the text 'EME SINGULAR, LDA.' is written in a bold, sans-serif font. The background of the advertisement is a grid of images: a large image on the left shows a complex steel and aluminum structure; a smaller image in the middle shows a modern building facade with a grid of windows; a larger image on the right shows a modern building with a curved facade and a glass facade. Below the grid, a white banner contains the text 'ÂMBITO: CONCEPÇÃO, DESENVOLVIMENTO, PRODUÇÃO E MONTAGEM DE ESTRUTURAS EM FERRO E ALUMÍNIO' in bold, black, uppercase letters. To the right of the banner are three circular logos: 'apcer', 'apcer', and 'LINES'. At the bottom of the advertisement, there are three more images: a large image on the left shows a modern building interior with a glass facade; a smaller image in the middle shows a modern building facade with a grid of windows; a larger image on the right shows a modern building with a curved facade and a glass facade.